

## REDESCOBRINDO A AMÉRICA

Invenção, invasão, descoberta... Múltiplas são as interpretações sobre a chegada dos europeus em território americano. Foram 500 anos de um caminhar contínuo, marcado pela exploração e até pela destruição dos habitantes e das terras do novo continente; mas também pela sua integração ao mapa e ao imaginário mundiais. E entre benefícios e prejuízos forma-se o perfil das américas, tecido do intercâmbio e da miscigenação de povos, idéias e produtos. Perfil este que insinuará de maneira inquestionável na formação de uma nova ordem de saberes que desembocará na modernidade. Parece ter sido vocação deste continente operar na transformação daqueles que tentaram interpretá-lo ou dominá-lo. O próprio Montezuma, grande senhor dos astecas, teria dito ao conquistador de seus domínios, Hernan Cortés, que seu povo e todos que habitavam o imenso território (ainda desconhecido dos europeus) vieram de lugares tão distantes em espaço como em cultura àquela América que ora se apresentava ao olhar atônito dos mais "recentes estrangeiros". Enfim, o quanto cada um desses povos tenha retirado ou doado de si à terra americana é algo difícil de se aquilatar, testemunho na maior parte das vezes silente ou incompreensível dentro dos limites de mundo e interpretação do "desbravador" europeu. Mas também sobre este último e sua "dominação" da América é preciso reavaliar. Não se sustentam as teses cravadas pela "lenda negra" da história inglesa; mas também não são explicativas as histórias dos ibéricos: por detrás dos "contra" e "a favor" das novas terras e seus habitantes, sempre à sombra de uma ordem religiosa, um jogo regionalista, ou simplesmente a vontade de poder contrariada.

Foram, portanto, 500 anos de histórias "mal contadas", ou apenas contadas como melhor pudessem servir para quem as contasse. Versões feitas, nem sempre com má fé, mas que acabavam por tornar incompreensível, quer o aparente "realismo fantástico" do cotidiano latino-americano, quer o culto ao "simulacro" com que se cobria a América do Norte.

Fórum aberto às várias versões e formas de contar essa longa história, sem tentar unificá-las, mas justamente explorando a riqueza da diversidade, o Congresso Internacional *América 92: raízes e trajetórias* aconteceu entre 16 e 20 de agosto na Universidade de São Paulo e de 23 a 27 de agosto no Fórum de Ciência e Cultura do Rio de Janeiro. Sob a presidência da Dra. Anita Novinsky e a direção dos Dr. José Carlos Sebe (São Paulo) e Dr. Luís Pinguelli Rosa (Rio de Janeiro), foi este um evento de grande porte que teve como objetivo redimensionar os estudos sobre a América e a projeção de novas pesquisas e abordagens sobre o tema. Desde os estudos arqueológicos e antropológicos das culturas pré-colombianas, passando pelas pesquisas sobre náutica e astronomia que guiaram os caminhos (ou descaminhos) das grandes navegações, até debates sobre questões educacionais e literárias da atualidade, um pletera de temas e áreas povoou com sua multivisão o universo das críticas e/ou comemorações de 1992, presentes a esse encontro. Quase 2000 inscritos e 700 trabalhos apresentados, repartidos entre quatro grandes seções, a saber, *Literatura e Comunicação*, *Arqueologia*, *Caminhos de Sefarad rumo à América e História da Ciência*, além de uma seção geral onde temas relacionados à História e Antropologia foram colocados. Mais de 160 professores estrangeiros puderam trazer suas contribuições, vindos de países tão variados como França, Estados Unidos, Canadá, Espanha, Itália, Portugal, Alemanha, Coreia, Marrocos e de toda a América Latina. Nomes expressivos como os de J. Saramago, R. Rashed, Y. Yovel e F. Cardini estiveram presentes. Eventos culturais paralelos ao Congresso permitiram que este encontro atingisse um público exclusivamente universitário, variando estes eventos desde a apresentação do Ballet Stagium a vinte exposições diversas em torno do tema, além de mesas-redondas para um público mais amplo na sede de *O Estado de São Paulo*. Enfim, foi este encontro uma bocanada de ar e controvérsia nos velhos esquemas especializados e estanques da academia... sem com isto perder o nível de rigor universitário.

A Seção de História da Ciência do Setor de São Paulo constitui-se num universo à parte. Sua Comissão Organizadora, sob a coordenação dos Profs. Drs. Ubiratan D'Ambrosio e Ana Maria Alfonso-Goldfarb, e constituída por José Luiz Goldfarb, Márcia Helena Mendes Ferraz, Marina Massimi e Vera Cecília Machline, logrou reunir um total de 60 trabalhos divididos em 25 mesas-redondas com estudiosos brasileiros e estrangeiros em torno de um amplo espectro de temas. Ademais, organizou 3 conferências: "*Firenze e l'Espansione Europea, il contributo della cultura fiorentina ai Viaggi e alle Scoperte*", com o Prof. Dr. Franco Cardini; "*Viagem Filosófica pelo espaço-tempo dos Jardins Botânicos*"; com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Luísa Janeira, Universidade de Lisboa; e "*Galileo, los Cometas Y los Jesuitas*", com o Prof. Dr. Carlos Solís Santos, Universidad de Educación a Distancia de Barcelona. E, ainda, a Conferência Magna "*La science arabe et la modernité classique*", com o Prof. Dr. Roshid Rashed, C.N.R.S., França.

Por sua vez, a Organização do Setor do Rio de Janeiro, constituída do Prof. Dr. Carlos Alvarez Maia, o Comandante Max Justo Guedes e a Prof<sup>a</sup> Maria Rachel Fróes da Fonseca, programou 4 comunicações coordenadas e 11 mesas-redondas em torno de múltiplos temas ligados ao evento, entre outros, cartografia durante as grandes viagens, identidade latino-americana, instituições científicas, técnicas na época dos descobrimentos, e ciência no Brasil.

**Ana Maria Alfonso-Goldfarb.**